



## **AS RELAÇÕES ENTRE ESPAÇO, VIOLÊNCIA E A VIVÊNCIA TRAVESTI NA CIDADE DE PONTA GROSSA – PARANÁ – BRASIL**

### **THE RELATIONSHIPS BETWEEN SPACE, VIOLENCE AND THE TRAVESTI WHO LIVING IN THE CITY OF PONTA GROSSA - PARANÁ – BRAZIL**

#### **Vinicius Cabral**

Mestrando em Geografia na Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG  
Avenida General Carlos Cavalcante, 4748, Uvaranas, CEP: 84030-900  
Ponta Grossa - Paraná  
Email: [vinicius.cabral.1991@gmail.com](mailto:vinicius.cabral.1991@gmail.com)

#### **Marcio Jose Ornat**

Doutor em Geografia  
Professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG  
Avenida General Carlos Cavalcante, 4748, Uvaranas, CEP: 84030-900  
Ponta Grossa – Paraná  
Email: [geogenero@gmail.com](mailto:geogenero@gmail.com)

#### **Joseli Maria Silva**

Doutora em Geografia  
Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG  
Avenida General Carlos Cavalcante, 4748, Uvaranas, CEP: 84030-900  
Ponta Grossa - Paraná  
Email: [joseli.genero@gmail.com](mailto:joseli.genero@gmail.com)

**Resumo:** O presente trabalho analisa a relação entre espaço e violência sofrida por um grupo de travestis que experienciam a cidade de Ponta Grossa - PR. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas e organizados em categorias discursivas associadas às diversas formas de violência relatadas pelas pessoas do grupo. A pesquisa evidencia que o espaço geográfico está profundamente imbricado com a violência, a fim de preservar as normas da sociedade heteronormativa e punir os transgressores.

**Palavras Chave:** Geografia *Queer*. Violência. Espaço. Travesti.

**Abstract:** This paper examines the relationship between space and violence suffered by a group of travestis who experience the city of Ponta Grossa - PR. Data were collected through interviews and organized into discursive categories associated with various forms of violence reported by people in the group. The research shows that geographical space is deeply imbricate with violence in order to preserve the rules of heteronormative society and punish the transgressors.

**Keywords:** Queer Geography. Violence. Space. Transvestite

## **Introdução**

A sociedade ocidental está convencionalmente organizada entre dois gêneros: masculino e feminino, com definição de papéis sociais originados pelo desempenho de homens e mulheres de forma bipolarizada. Aqueles que ousam subverter esta ordem binária dos sexos e gêneros são punidos de diversas formas, desde a marginalização, até mesmo a violência simbólica e física. Dentre os grupos transgressores da heteronormatividade compulsória como gays, lésbicas, travestis, transsexuais, pode-se afirmar que os dois últimos grupos são os que sofrem maior rejeição, já que as marcas corporais do enfrentamento à ordem bipolar estão expressas de forma material e não apenas em suas práticas e comportamentos sexuais. O espaço, por sua vez, é elemento componente da ordem social e funciona tanto como reprodutor das normas, como possibilidade de transgressão, já que as pessoas vivem por meio do desenvolvimento de espacialidades.

Ao acompanhar durante quatro anos um grupo de travestis, por meio da atuação do Grupo de Estudos Territoriais junto à Organização Não Governamental Renascer, pudemos evidenciar que o espaço urbano de Ponta Grossa se estruturava em duas importantes configurações para a existência do grupo de travestis<sup>1</sup>. Uma organização espacial é o território da prostituição travesti, estudado por Ornat (2008) e a outra era o espaço interdito à existência do grupo, estudado por Silva (2009).

Durante o desenvolvimento dessas duas pesquisas, dentro do Grupo de Estudos Territoriais, um elemento chamou a atenção na vivência travesti, a violência. A violência fazia parte do cotidiano das travestis, seja como vítimas ou promotoras de violência. Esse aspecto da existência travesti no espaço urbano de Ponta Grossa – PR, a violência, que muitas vezes resulta em morte, passou a ser um eixo de investigação que resultou nas reflexões presentes nesse texto, cujo objetivo é compreender a relação entre espaço e violência na vivência travesti. O artigo está sustentado com base em doze entrevistas realizadas entre os anos de 2007 e 2008 junto ao grupo de travestis e está estruturado em duas partes. Na primeira parte do texto são explorados a invisibilidade e o silêncio a que o grupo de travestis é submetido, tanto no espaço urbano, como na abordagem acadêmica. Na segunda seção, são evidenciadas as vivências espaciais de violência presentes no território da atividade de prostituição travesti, trazendo a paradoxal posição de autor e vítima da

---

<sup>1</sup> A palavra “travesti” será adotada como feminina para respeitar a auto-identificação das pessoas entrevistadas, embora a norma da língua portuguesa utilize a expressão no masculino.

violência socioespacial.

### **Espaço geográfico, transgressão da norma heterossexual e punição**

A abordagem espacial da existência travesti é pouco explorada pela geografia brasileira, como tem argumentado Silva (2009). As razões para essa negligência por parte de geógrafos (as) têm muitas razões, desde os elementos epistemológicos que constituem o corpo conceitual da geografia brasileira, até mesmo, o preconceito em torno da abordagem das sexualidades, dentro do campo científico. A academia, ao contrário do que se prega nos discursos sobre métodos na compreensão da realidade, não está acima das subjetividades e da cultura em que está inserida. Portanto, pode-se afirmar que há um rechaço à temática, que vem sendo enfrentada por dois importantes ramos epistemológicos da geografia mundial: as abordagens pós-estruturalistas das geografias feministas e as geografias *queer*.

Em 2010, o periódico *Gender, Place and Culture* publicou um volume temático especial, cuja introdução, “*Towards trans geographies*”, chama a atenção para a complexidade e riqueza que a abordagem das sexualidades trans pode trazer para análise geográfica.

Kath Browne, Catherine J. Nash and Sally Hines (2010) argumentam que apesar do exponencial crescimento da análise de gênero que a geografia anglo-saxã obteve nas duas últimas décadas, há ainda um importante caminho a ser trilhado para compreender as complexas, fluidas e surpreendentes relações entre sexo, gênero e espaço.

Apesar do gênero e das sexualidades constituírem campos já consagrados na geografia em vários países, no Brasil, a temática é incipiente e evolui a passos lentos, apesar do avanço percebido nos últimos anos na geografia brasileira com o lançamento da Revista Latino Americana de Geografia e Gênero, em final de 2009, possibilitando um caminho de visibilidade para esse perfil de abordagem. As geografias feministas trilharam importantes caminhos teóricos e metodológicos na geografia mundial e contribuíram, sobretudo, na construção de justiça social, a partir de uma geografia cultural crítica. Ornat (2008) argumenta que:

Estas perspectivas ampliam a possibilidade de compreensão da ação humana sobre/através da superfície da Terra. Ampliam as possibilidades de sairmos de nossos pequenos mundos, estruturados a partir das nossas normas ocidentais de gênero e sexualidade, para um mundo repleto de diversidade e complexidade. (ORNAT, 2008, p.

320)

O reconhecimento da potencialidade do instrumental teórico e metodológico das Geografias Feministas pelos adeptos da corrente da Nova Geografia Cultural possibilitou, como pensa Cosgrove (2004, p.92), compreender que “a Geografia está em toda a parte”. Ou seja, que não há objetos que sejam específicos do campo geográfico e que é possível problematizar geograficamente qualquer fenômeno social, inclusive, a relação entre violência e espaço na vivência travesti, como propõe este artigo.

Alguns grupos sociais ao longo do século XX produziram inúmeras problematizações sobre as várias formas de violência que estes sofriam, como podemos visualizar na obra de Rios (2009) no caso do racismo sofrido pelos negros, no sexismo pelas mulheres, e na homofobia vivida pelo grupo não se enquadra na heteronormatividade vigente.

Segundo Foucault (1988), a sexualidade e suas normas sociais constituem um forte campo de poder em que pessoas e indivíduos são localizados, hierarquizados e punidos, caso fujam às regras. Na sociedade ocidental em que vivemos, há um padrão social de linearidade entre sexo, gênero e desejo, como proposto por Butler (2003). Assim, de uma pessoa que tenha um pênis, por exemplo, espera-se que tenha gestos e comportamentos reconhecidos como masculinos e que deseje o corpo de uma pessoa que possua uma genitália oposta a sua.

Esta linearidade, contudo, é uma invenção social, como nos diz Butler (2003). Ela defende a ideia de que a heteronormatividade é um padrão social instituído que não se sustenta na vida cotidiana concreta. Para ela, o gênero é:

a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”. (BUTLER. 2003, p. 59)

É através destes atos repetidos que o gênero é naturalizado. Contudo, ele não existe em si, é constantemente experienciado na existência espacial cotidiana, como apontado por Silva (2009). Para esta autora, apoiada nas proposições de Butler (2003), não existe uma linearidade rígida entre sexo, gênero e desejo e tais categorias podem constituir uma complexidade sempre aberta, estabelecida a partir das vivências cotidianas dos grupos sociais, na sua conexão entre tempo e espaço.

A norma é interiorizada e funciona como regulação da existência humana

que, quando transgredida, é punida exemplarmente a fim de manter os demais indivíduos dentro do padrão hegemônico instituído. Este poder heteronormativo se viabiliza pela experiência espacial associada à violência que pode ser compreendida de diversas formas. A Organização Mundial da Saúde - OMS define violência enquanto:

O uso intencional da força física ou poder, ameaça ou real, contra si mesmo, outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que resulte em ou tenha alta probabilidade de resultando em lesão, morte, dano psicológico ou privação. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2002, p. 4)

A violência para a Organização Mundial da Saúde apresenta-se estruturada sobre quatro categorias de violência sendo elas, a física, correspondente a toda manifestação com o objetivo de ferir; violência psicológica, caracterizada pela humilhação, desrespeito, rejeição, entre outros; violência sexual, quando o agressor abusa de seu poder sobre a vítima na obtenção da gratificação sexual, sem o consentimento da vítima; e negligência, que é a omissão do responsável em proporcionar as necessidades básicas de seu dependente.

Neste sentido, antes de adentrarmos a questão mais ampla da homofobia/transfobia, temos de ter em mente que alguns dos elementos que encontramos em nosso cotidiano, como as expressões 'preconceito' e 'discriminação' possuem significados distintos, e que fazem parte da homofobia/transfobia. Estas expressões podem ser entendidas através da obra de Rios (2009, p.54), que nos aponta o seguinte:

Por preconceito, designam-se as percepções mentais negativas em face de indivíduos e de grupos socialmente inferiorizados, bem como as representações sociais conectadas a tais percepções. Já o termo discriminação designa a materialização, no plano concreto das relações sociais, de atitudes arbitrárias, comissivas ou omissivas, relacionadas ao preconceito, que produzem violação de direitos dos indivíduos e dos grupos. (RIOS, 2009, p.54)

O termo 'homofobia' segundo Rios (2009), foi cunhado no final da década de 60, através da pesquisa do psicólogo George Weinberg, que tinha por objetivo identificar os traços das personalidades homofóbicas, empregando assim o termo de 'homosexualphobia'. Para o autor, a homofobia pode ser entendida como uma modalidade de preconceito e discriminação direcionada aos homossexuais. Ele ainda aponta que a partir da homofobia surgiram outras formas específicas de discriminação

e preconceito, como é o caso da lesbofobia, bissexualfobia e a transfobia. Contudo, o autor alega que a homofobia (este como um grande compartimento) se baseia nas experiências individuais e presente em suas socializações e, portanto, apresenta outra possibilidade, o conceito de heterossexismo, que pode ser entendido como “um sistema em que a heterossexualidade é institucionalizada como norma social, política, econômica e jurídica, não importa se de modo explícito ou implícito” (RIOS, 2009, p. 62).

Neste caminho, o uso de um conceito como o de 'homofobia' para que se englobe todas as formas de violência, para aquelas que não se enquadrem na norma heterossexual vigente, sejam elas gays, lésbicas, travestis, transexuais, cross-dressers, drag queen, drag king acaba que por despolitizar cada um em seu próprio campo conceitual. Entretanto, a união destes grupos no combate da violência baseada na sexualidade, que advêm das múltiplas esferas sociais e conseqüentemente das espacialidades heterossexuais, como retratado por Valentine (1993) é válida, pois só existe uma sexualidade hegemônica/dominante a qual está estruturada pela linearidade entre sexo, gênero, desejo e prática social, tal qual utilizado por Butler (2003). Portanto, o combate ao 'heterossexismo' se faz de grande importância na construção de um mundo em que a pluralidade das configurações possíveis entre sexo, gênero, desejo e prática social seja possível.

Como dito anteriormente, a violência sofrida pelo grupo de travestis é chamada de 'transfobia'. A transfobia conforme a cartilha 'Direitos Humanos: Brasil sem transfobia' do Grupo Esperança define que

A transfobia é, basicamente, o medo, o ódio, a discriminação e a intolerância pela travesti, A Transfobia é manifestada pelo desagrado, ameaça à segurança, repugnância, ridículo, restrição à liberdade de ir-e-vir, restrição ao acesso a recursos (moradia, emprego, serviços, etc.) e violência (GRUPO ESPERANÇA, s./d., p.30).

O Brasil é apontado por Mott e Cerqueira (2003) como sendo um dos principais países, onde homossexuais são assassinados. Neste sentido, o heterossexismo produz diversas vítimas todos os anos e esta violência vem crescendo como podemos ver no gráfico 1. Embora estes números sejam reais, eles não representam a população real de homossexuais assassinados entre 1963 até 2009, pois mais homossexuais foram assassinados do que se é apresentado aqui. Isto pois os dados produzidos pelo Grupo Gay da Bahia se baseiam em notícias publicadas em diversas mídias, em todo o Brasil. As vezes alguns homossexuais são assassinados

devido a sua sexualidade, e a família e os amigos acabam não divulgando à imprensa que a pessoa era homossexual, e o mesmo acaba morrendo como heterossexual, se reduzindo com isto o número real de homossexuais assassinados no Brasil, aos dados aqui presentes. Para os autores, estes assassinatos podem ser entendidos como crime de ódio, pois estão baseados na homossexualidade da vítima, o que, portanto, motiva a agressão e conseqüentemente a morte de gays, lésbicas e travestis.

**Gráfico 01 – Homossexuais Assassinados no Brasil entre 1963 à 2009**



Embora todos os grupos que afrontem a heteronormatividade compulsória sofram violência, Silva (2009) aponta que o grupo das travestis é o mais vulnerável às violências, como podemos observar quando diz:

Queremos chamar atenção para o fato de que as travestis sofrem maior violência e preconceito porque a marca da transgressão é nítida, visual e, portanto, afronta o poder heteronormativo, muito menos evidente no gay ou na lésbica. (SILVA, 2009, p.142)

As travestis vivenciam cotidianamente uma série de interdições espaciais, conforme aponta o trabalho de Silva (2009). Sua pesquisa apresenta narrativa e discussões em torno das experiências espaciais aversivas e experiências espaciais de maior integração social. Como resultado, a pesquisadora evidencia que as travestis apresentam um maior número de relatos de medo, insegurança e de experiências negativas do que experiências positivas.

Em ordem de maior significação negativa de suas experiências espaciais



estão: escola, hospital / instituições de saúde, clubes / danceterias / restaurantes, penitenciárias / delegacias de polícia, exército e igrejas. As experiências positivas estão relacionadas ao território da prostituição, às suas casas e às ONGs.

A construção da identidade travesti é fortemente marcada por uma série de violências que culmina com a experiência da morte. A morte de companheiras, amigas, amantes, é comum nos depoimentos das pessoas do grupo. A morte para esse grupo não é algo que se experiencia a partir de longe e de tempos em tempos.

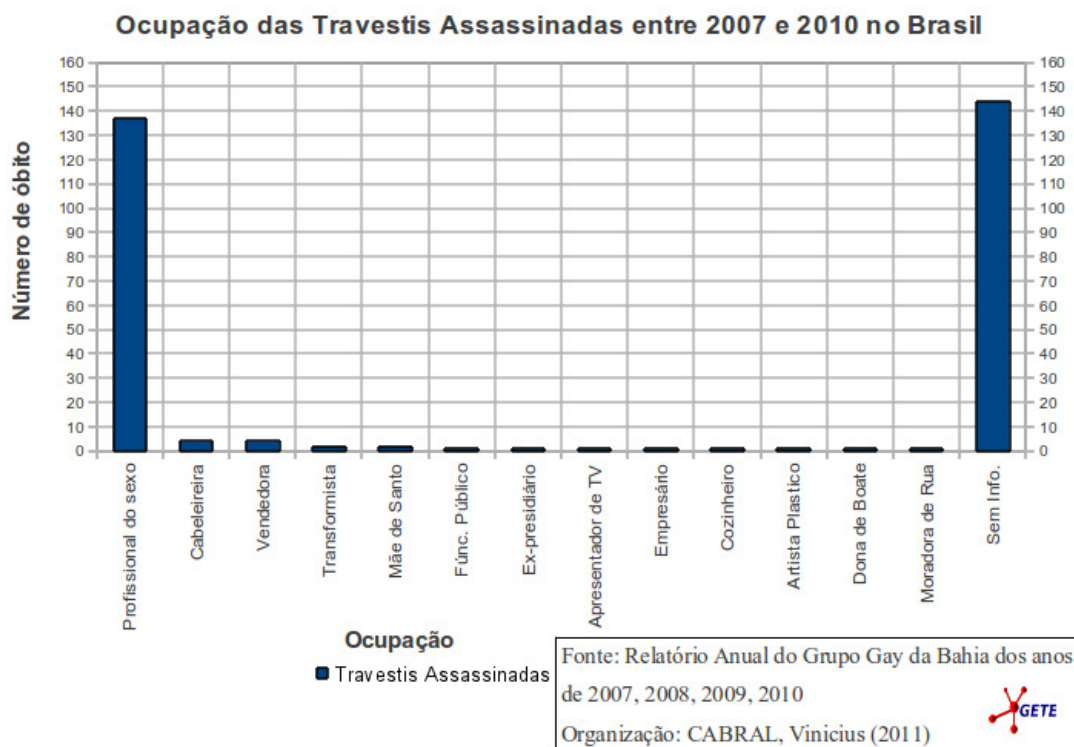
Pelo contrário, faz parte de sua vida cotidiana. Enquanto um fenômeno destinado a toda humanidade, a morte é experienciada de forma diversa entre os diferentes grupos sociais. Philippe Ariés, em seu livro *“Sobre a história da morte no ocidente desde a idade média”*, alerta que o fenômeno possui diferenças de afetos e questiona: *“Existe uma relação permanente entre a ideia que se tem da morte e a que fazemos de nós próprios?”* (ARIÉS, 1975, p. 66).

O sentido da vida para as travestis, frente à presença cotidiana do risco da morte, é da intensidade do presente e poucos planos futuros. O envelhecimento e o cuidado de si para o futuro não fazem parte das expectativas das travestis, conforme relatos do grupo.

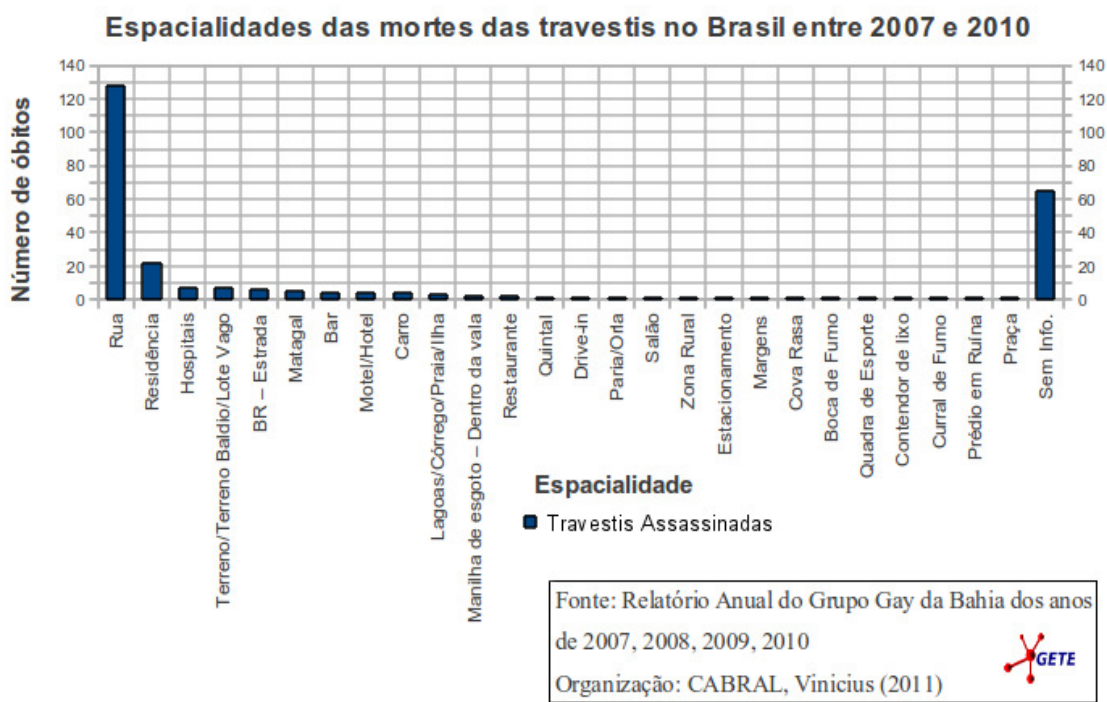
No Brasil, as travestis em atividade de prostituição são as mais vulneráveis. As pequenas oportunidades de sobrevivência econômica colocam grande parte delas no exercício da atividade comercial sexual, o que as torna alvo de maior risco de morte. Os gráficos 02 e 03 permitem a comparação entre a ocupação exercida e a espacialidade da morte.



**Gráfico 02 – Ocupação das Travestis Assassinadas entre 2007 e 2010 no Brasil**

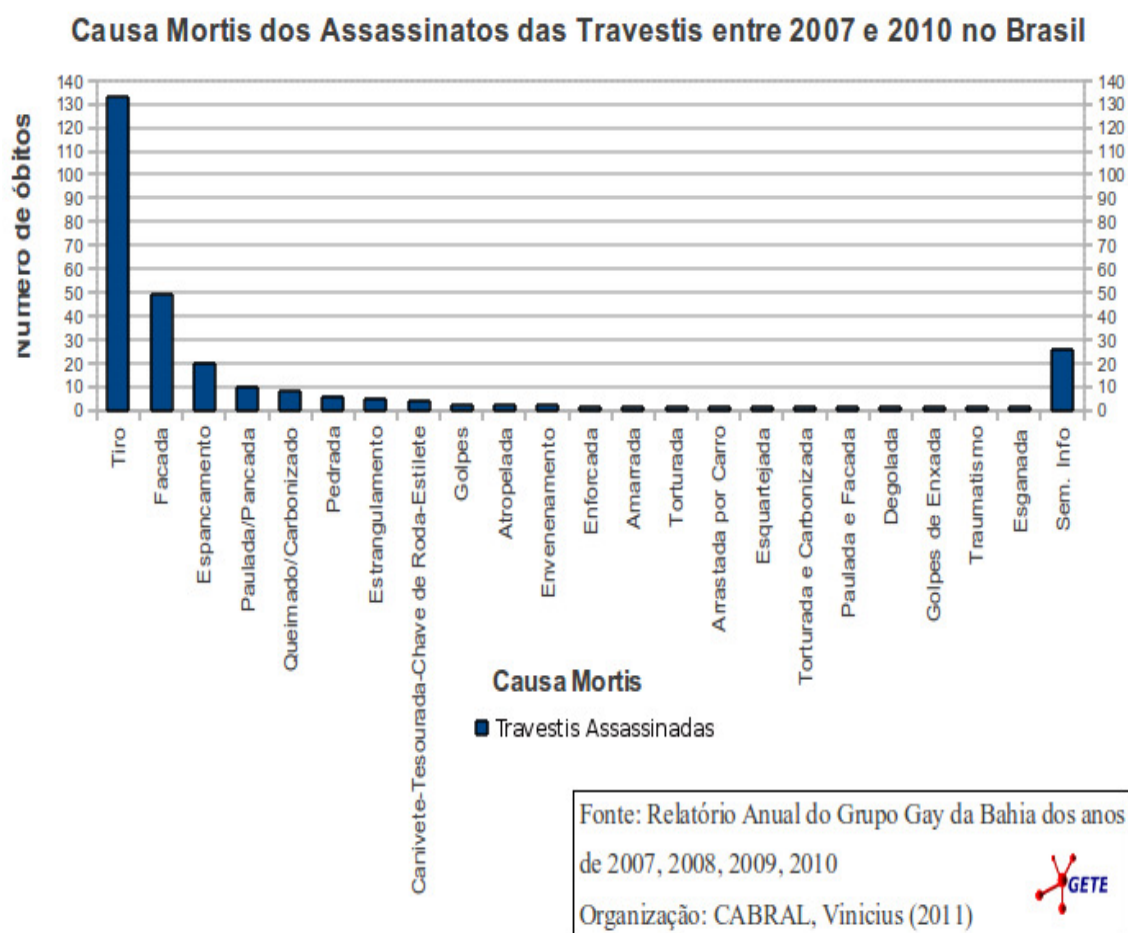


**Gráfico 03 – Espacialidade das mortes das Travestis entre 2007 e 2010 no Brasil**



Este fenômeno espacial da morte das travestis está relacionado com a *causa mortis*, pois define o *modus operandi* do homicida. Como visto no gráfico 03, a rua/território da prostituição constitui o local fundamental das mortes. Como existem fluxos de pessoas, os homicidas utilizam armas de fogo para a execução rápida da vítima e manutenção do anonimato por parte do autor dos disparos de arma de fogo. Entretanto, em outras espacialidades em que não há fluxo de pessoas, e o homicida está sozinho com a vítima, o *modus operandi* do assassino faz com que a *causa mortis* seja muito violenta, repleta de tortura física e psicológica. Como o gráfico 04 sobre a *causa mortis* associada ao da espacialidade do crime (gráfico 03), torna possível esta reflexão.

**Gráfico 04** – Causa Mortis dos Assassinatos das Travestis entre 2007 e 2010 no Brasil



O padrão dos dados coletados pelo Grupo Gay da Bahia retrata um cenário nacional que a cidade de Ponta Grossa também apresenta, como poderá ser

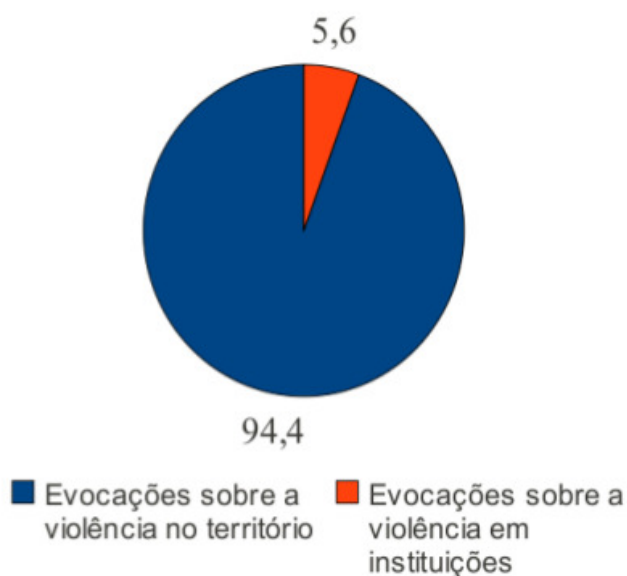
evidenciado pelas narrativas das pessoas entrevistadas que farão parte da próxima seção.

### Cotidiano da vivência travesti e violência na cidade de Ponta Grossa

De um total de quatorze horas de entrevistas, que tinha por objetivo compreender a constituição da identidade travesti e a lógica de funcionamento do território da prostituição travesti, foram observados um total de oitenta e nove evocações relacionadas à violência na fase adulta, sendo que, deste total de evocações, 94,4% das referências estavam relacionadas a violência presente no território da prostituição travesti e 5,6% era relativo à violência presente em instituições, como podemos observar no gráfico 05.

**Gráfico 05** – Evocações sobre as espacialidades da violência sofrida pelas travestis na fase adulta.

Evocações sobre as espacialidades da violência sofrida pelas travestis na fase adulta (%)



Fonte: Acervo documental GETE (2007)

A violência sofrida pelas travestis é cotidiana e permeia as instituições básicas de sua existência cidadã como retratado em Silva (2009), envolvendo instituições de saúde, educacionais, religiosas e de segurança pública. Contudo, é o território da prostituição travesti, um trecho de rua apropriado por elas para exercerem

muito mais do que a simples atividade comercial sexual, mas um local de construção identitária e da possibilidade de uma travesti ser aceita como um ser feminino, como pode ser observado no trecho paradigmático que segue:

*“É que lá eu me realizo como tudo. Lá eu consigo ser a mulher que a minha vida inteira eu quis ser, lá que eu me realizo, por mais que a gente seja profissional lá, é lá que a gente se realiza sexualmente e amorosamente, tudo.” (Acervo Documental GETE. Nome da Entrevistada - Afrodite<sup>2</sup>.. Entrevista realizada por Marcio Ornat em 20 de março de 2007)*

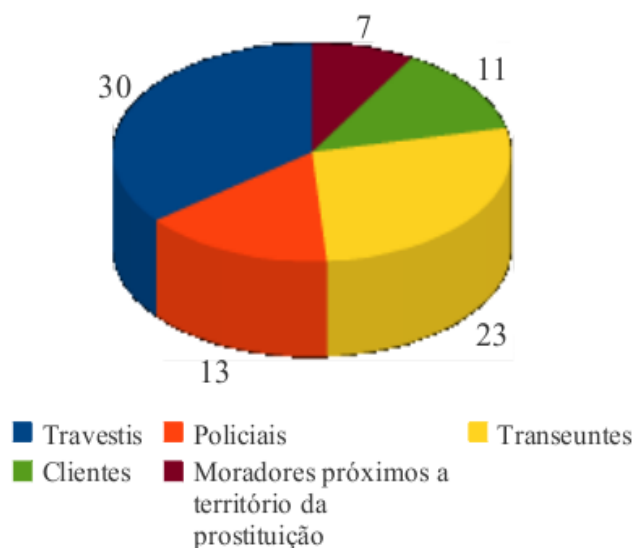
Paradoxalmente, o território da prostituição travesti é a espacialidade que retrata um maior número de evocações sobre violência. Através do território da prostituição, podemos observar que das 84 evocações sobre violência correspondente a esta espacialidade, 35,7 % estão presentes na relação entre as travestis, 13,1% na relação entre as travestis e clientes, 15,5% na relação das travestis com policiais, 27,4% na relação entre transeuntes e as travestis, e 8,3% na relação entre as travestis e moradores de áreas próximas as áreas de prostituição, como podemos evidenciar no gráfico 06

---

<sup>2</sup> Todos os nomes utilizados nas entrevistas são fictícios, a fim de proteger as fontes.

**Gráfico 06** – Evocações sobre os sujeitos produtores de violência na relação entre as travestis

Evocações sobre os sujeitos produtores de violência na relação entre as travestis



Fonte: Acervo Documental GETE (2007)

A relação entre as travestis por meio do território é marcada pela violência, pois das trinta evocações, 63,3% se referem à violência física e 36,7% a violência psicológica. Tal violência é cometida na conquista e manutenção do território da prostituição, como constatamos na fala de uma das depoentes.

*“A pancadaria, partir para a agressão física mesmo é mais por território, ou a fofoca tem que ser muito quente, tem que ser uma falação muito assim... no geral é mais bate-boca, e uma vira a cara pra outra. A gente fica uma semana de cara virada, daqui a pouco volta. (...) ai ela não venceu a luta, ela apanhou. E foi o que fez ficar” (Acervo Documental GETE. Nome da Entrevistada – Nike. Entrevista realizada por Marcio Ornat em 1o de fevereiro de 2007.)*

Estes trechos demonstram que os conflitos entre as travestis não possuem como objetivo a morte da outra travesti. Então, a relação de violência entre as travestis é basicamente estratégia para manter o poder e a possibilidade de ganhos no território para prostituição.

A violência presente na relação das travestis com clientes é fortemente marcada pela presença de arma de fogo. Do total de 11 evocações sobre a violência

cometida por clientes, 63,6% delas estão ligadas ao uso de arma de fogo para cometer vários outros tipos de abusos, sejam eles físicos, psicológicos e sexuais. Como podemos observar através dos dois trechos a seguir.

*“Teve uma vez que eu peguei um programa com um cara, de uma Besta, e eu não olhei dentro da Besta, pensei que só tinha ele. Só que quando eu entrei no carro tinham seis caras. Eles taparam a minha boca, me jogaram para trás, um estava com uma faca, outro com um revolver, eles falaram que eu ia fazer tudo que eles quisessem, porque se eu não fizesse o que eles queriam eles iam me jogar ali mesmo (...). Daí eu peguei e fiz, dei para todos eles, fiz tudo que eles queriam (...) Daí me jogaram perto do Santa Terezinha. (...)” (Acervo Documental GETE. Nome da Entrevistada – Eirene. Entrevista realizada por Marcio Ornat em 3 de abril de 2007)*

*“Eu já usei maconha, mas isso foi início de carreira, através de um cliente, me obrigou, colocou revolver na cabeça e tudo, entendeu. Aí fumei, vi qual que era a sensação e não gostei”. (Acervo Documental GETE. Nome da Entrevistada – Nike. Entrevista realizada por Marcio Ornat em 1o de fevereiro de 2007)*

Outro grupo de relações em que a violência está presente é entre travestis e policiais. De um total de treze evocações, 69,2% estão relacionadas a violência física, e os outros 30,8% à violência psicológica. Podemos perceber que alguns policiais usam do seu discurso de autoridade para constranger as travestis no território. Como é possível notar nos trechos abaixo:

*“Aqui é dependendo de você conhecer as pessoas, da policia, porque tem muitos que são ruins. Descem batendo, com a arma na mão. Já chegam apontando. Eu acho errado, porque você não tá fazendo nada de errado. Como que vão apontando a arma. Não é deste tipo que vão endireitar alguma coisa”. (Acervo Documental GETE. Nome da Entrevistada – Héstia. Entrevista realizada por Marcio Ornat em 15 de março de 2007)*

*“Tem policiais que passam sem uniforme desacatar a gente, pra depois voltar quando tiver uniformizado, de serviço, cobrar pelo desacato, porque obviamente falou qualquer besteira para mim na esquina, eu vou retornar. Eu jamais vou abaixar a minha cabeça e ficar quieta, que eu tenho meu espaço, eu conquistei meu espaço, eu tenho meu espaço dentro da sociedade, não sou um animal, não sou um bicho. Então eu não admito o pessoal passar me xingando, passar me insultando, eu respondo a altura”. (Acervo Documental GETE. Nome da Entrevistada – Nike. Entrevista realizada por Marcio Ornat em 1 de fevereiro de 2007)*

Na relação entre os transeuntes e as travestis, das vinte e três evocações sobre a violência, 60,9% estão vinculadas a violência física e 39,1% vinculadas à violência psicológica. Estas violências acontecem quando as travestis estão

“batalhando<sup>3</sup>” no território e a agressão parte do transeunte. Como podemos ver nos trechos que seguem:

*“Toda vida teve agressão, no começo era difícil. Agora por último que tão terrível demais com elas. Mas sempre principalmente final de semana, que o povo sai tudo dali. Então sai aquelas gangues pra pegar a gente, pra roubar, pra perturbar muito o sossego das coitadas”. (Acervo Documental GETE. Nome da Entrevistada – Héstia. Entrevista realizada por Marcio Ornat em 15 de março de 2007)*

*“Esses dias, um cara preconceituoso passou e gritou: traveco, seu homão! Eu falei: com certeza meu anjo, eu sou o homem mais bonito que você já viu na tua frente!” (Acervo Documental GETE. Nome da Entrevistada – Nike. Entrevista realizada por Marcio Ornat em 1 de fevereiro de 2007)*

*“Ela passou jogando pedra, e não passou uma vez só. Ai o pessoal do hotel central chamou a policia para mim, eu nem sabia que eles haviam chamado a polícia. Mas chamaram a policia para me defender. Eu não conheço eles, mas eles viam o meu tipo. Eu tava na boa, discreta, nunca faço escândalo. Eu fico quieta, o meu negócio é ir para a esquina, ganhar dinheiro e vir embora. Não vou para gritar, não vou para fazer escândalo, não vou para mostrar peito e nem bunda, o meu negócio é ir, ganhar meu dinheiro e voltar embora, esta é a minha vida.(sobre uma mulher que passava pelo território)”. (Acervo Documental GETE. Nome da Entrevistada – Afrodite. Entrevista realizada por Marcio Ornat em 20 de março de 2007)*

Na relação entre as travestis e moradores vizinhos às áreas de prostituição, observamos sete evocações ligadas às relações de violência, sendo que 42,9% estão ligas a violência física e 57,1% a violência psicológica. Este perfil de violência surge de moradores que não aceitam a presença das travestis em suas áreas de moradias, como podemos observar no trecho paradigmático que segue:

*“Com os moradores era mais ou menos. Eles xingavam e falavam: não tem vergonha. Só uma vez com um que queria que eu saísse de lá, pegou o revolver, mas no geral era só verbal”. (Acervo Documental GETE. Nome da Entrevistada – Eos. Entrevista realizada por Marcio Ornat em 24 de fevereiro de 2007)*

Na relação de aceitação das travestis que “batalham”, de um total de 14 horas de entrevistas apenas uma única evocação foi encontrada. Como podemos ver abaixo:

---

<sup>3</sup> Termo utilizado pelas travesti para se referir quando estão se prostituindo.



*“Só que a minha relação até por eu não ser uma pessoa que faz escândalo, que fica gritando, que fica berrando, não me visto tão pelada assim, desde o primeiro dia em que eles me viram ali eles me trataram bem. Os vizinhos de baixo também. Os que não fala comigo são neutros assim. Ou eles passam e fazem que eu não estou ali, ou cumprimentam, perguntam se esta tudo bem. Aconteceu uma vez do (cita o nome), estar saindo com a filha dele, e a neta dele, e eu me sentir mal de estar ali, porque eu estou na frente da casa dele, né. Quem esta incomodando sou eu. Então eu peguei e me afastei. Ai ele desceu e falou: boa noite. Eu falei: boa noite. Daí ele falou assim pra mim: olhe moça, você pode ficar tranquila aqui, pode voltar para a esquina que não faz mal. Eu gostei disso. (...)”.* (Acervo Documental GETE. Nome da Entrevistada – Hera. Entrevista realizada por Marcio Ornat em 20 de março de 2007)

O fenômeno da violência contra as travestis na cidade de Ponta Grossa é constituído por várias relações entre sujeitos e as travestis, por meio do espaço. Nesse sentido, o espaço heteronormativo produz violência contra quem subverte a ordem binária do sexo e do gênero. Entretanto, o espaço heteronormativo não é total, apesar de hegemônico. Há espaços como as ONGs que criam resistências e lutas que podem ser potencializadas pelo trabalho acadêmico geográfico.

### **Considerações finais**

O artigo evidenciou a relação entre violência e espaço da vivência travesti na cidade de Ponta Grossa. Constatou-se que a violência permeia a construção identitária das travestis e que o espaço está imbricado nessa realidade. As travestis, dentre os grupos que afrontam a heteronormatividade compulsória, constituem o grupo de maior vulnerabilidade social, já que a espacialidade de sua ocupação econômica, a prostituição, é a rua apropriada como território, que facilita a exposição dos corpos transgressores no espaço público, tornando-as alvos fáceis.

Os atos de violência desenvolvidos por parte de vários outros grupos como clientes, policiais, transeuntes e moradores vitimizam as travestis por um lado, mas por outro, pode-se afirmar que elas são também autoras de violência, como estratégia de manutenção de seu poder na configuração de relações no território da prostituição. Enfim, se o espaço é uma dimensão da sociedade, cujo padrão hegemônico é a heteronormatividade, ele se compõe de feixes de relações como a invisibilidade e a violência, da mesma forma que a violência pode ser constrangida pelas espacialidades emancipatórias.

## **Referências**

ARIÉS, Pilippe. Sobre a história da morte no ocidente desde a idade média. Lisboa: Teorema, 1975.

BROWNE, Kath, NASH, Catherine J., HINES, Sally. Introduction: towards trans geographies. *Gender, Place & Culture*, v.17, n. 5, p. 573-577, 2010.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GOSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDALL, Z. Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro, Editora LERJ, 2004.

GRUPO ESPERANÇA. Direito Humanos: Brasil sem transfobia. Curitiba: Grupo Esperança, s/d.

MOTT, Luiz; CERQUEIRA, Marcelo. Matei porque odeio gay. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2003

Organização Mundial da Saúde, World report on violence and health: summary. Geneva, World Health Organization, 2002. Disponível em: <[http://www.who.int/violence\\_injury\\_prevention/violence/world\\_report/en/summary\\_en.pdf](http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/summary_en.pdf)>. Acesso em: 14 ago. 2010.

ORNAT, Marcio Jose. Território da Prostituição e a instituição do ser travesti em Ponta Grossa – PR. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Gestão do Território). Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2008.

ORNAT, Marcio Jose. Sobre Espaço e Gênero, Sexualidade e Geografia Feminista. In: Revista Terr@ Plural. Vol. 2, n°2, p. 309-322, Ago/Dez, 2008.

RIOS, Roger Raupp. “Homofobia na Perspectiva dos Direitos Humanos e no Contexto dos Estudos sobre Preconceito e Discriminação”. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Mec/Unesco. 2009. p.53-83.

SILVA, Joseli Maria. A Cidade dos Corpos Transgressores da Heteronormatividade. In: Silva, J.M. (Org.). Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade. Ponta Grossa: Editora Toda Palavra, 2009.

\_\_\_\_\_. Ausências e Silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica. In: Silva, J. M. (Org.). Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade. Ponta Grossa: Editora Toda Palavra, 2009.

\_\_\_\_\_. Geografia, Gênero e Sexualidades: A Experiência Travesti.. In: III COLÓQUIO NACIONAL DO NÚCLEO DE ESTUDOS EM ESPAÇOS E REPRESENTAÇÕES –

NEER, Porto Velho, 1-6 de novembro 2009 (no prelo)

VALENTINE, Gill. (Hetero)sexing space: lesbian perceptions and experiences of everyday space. *Environment and Planning D: Society and Space*, v.11, n.4, p.395-413, 1993.

***Recebido em: 30/06/2013***

***Aceito para publicação em: 30/08/2013***